

CARTOGRAFIAS POÉTICAS DE UMA PAISAGEM SULINA – PELOTAS IMERSA NO FRIO

**CARLA BORIN MOURA¹; CARLA VIVIANE THIEL LAUTENSCHLAGER²;
DANIELLE COSTA DA COSTA³; RAQUEL FERREIRA⁴; EDUARDA AZEVEDO
GONÇALVES⁵**

¹Universidade Federal de Pelotas – carlaborinmoura@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – carlathiel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nele-silva@hotmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul – raquelandraderreireira@yahoo.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br – orientadora.

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo revela narrativas poéticas que versam sobre a paisagem sulina, mais especificamente sobre a cidade de Pelotas e a experiência com o frio. O encontro com a paisagem e a reflexão sobre a sensação do frio, desencadearam diferentes produções textuais e imagéticas.

Os relatos foram desenvolvidos durante os encontros do projeto de pesquisa “Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas”, de maio a junho, meses frios e úmidos, tendo como enfoque as experiências com a paisagem local.

Tal pesquisa faz parte de um subprojeto intitulado “A paisagem sulina (sul do Brasil, Uruguai e Argentina) em narrativas artísticas contemporâneas” que tem como objetivo mapear produções que versem sobre alguns aspectos da paisagem da região sul, assim como, a partir do mapeamento, realizar ações e produções artísticas.

O grupo é composto por artistas que estão em formação e outros que já possuem a formação superior em artes visuais, história, filosofia, letras. Entre eles, graduandos, especialistas, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores. A multiplicidade de olhares compõe a diversidade de narrativas e motivações que foram suscitadas por algumas leituras, experiências e pela trajetória artística de cada um.

No primeiro encontro pautamos a leitura da *Estética do Frio* (2004) de Vitor Ramil, assim como *A Invenção da paisagem* de Anne Cauquelin (2007), obras que nos conduziram a outras leituras. Quando nos referimos à *Estética do Frio*, muitas indagações surgiram. Entre tantas, uma específica nos fomentou a buscar nossas relações e percepções sobre o frio de Pelotas, fundamentalmente o questionamento sobre o frio de Ramil ser, ou não, o mesmo de todos os artistas do grupo.

Vitor Ramil expressa seu desassossego, quando em seu apartamento em Copacabana, Rio de Janeiro, no mês de junho, vê imagens veiculadas pela televisão de uma festa popular na Bahia. Ele relata:

Não consigo me sentir próximo do espírito daquela festa, embora, esteja igualmente seminu e com calor e a notícia seja apresentada num tom de absoluta normalidade, como se aquilo fizesse parte do meu dia a dia. Assisto a seguir uma matéria sobre a chegada do frio no sul. Vejo o Rio Grande do Sul. Vejo campos cobertos pela geada na luz branca da manhã, [...] vejo homens de pala andando de bicicleta, vejo águas congeladas, vejo gente esfregando as mãos, gente de nariz vermelho, [...], vejo o chimarrão fumegando. Seminu e com calor, reconheço imediatamente aquele universo como meu. Mas as imagens agora são apresentadas num tom de anormalidade, de curiosidade, de quase incredulidade, como se estivessem

chegando de outro país – “fala-se em clima europeu” - , o que faz com que eu me sinta estranhamente isolado, mais do que fisicamente distante. Tenha a incômoda sensação de estar no exílio e ver, ao mesmo tempo, o Rio Grande do Sul de perto, por dentro e além das imagens. Percebo então o quanto me sinto separado do Brasil. (RAMIL, 1993, p. 262).

Ao longo do texto, Ramil traça uma breve cartografia da cultura sulina e enfatiza seus gostos culturais e musicais configurados geograficamente, assim como, revela uma concepção pessoal da paisagem urbana de Pelotas e a paisagem do pampa. Ao lermos a escritura de Ramil, nos indagamos se esta narratividade condizia com as nossas. Constatamos que tínhamos outros pontos de vista de uma estética do frio. Então foi lançada uma proposição que visava à elaboração de duas narrativas pessoais sobre o frio, uma por meio da linguagem visual e outro da linguagem verbal. Durante os encontros foram sendo apresentadas as produções, na grande maioria em fotografia e ensaios verbais. O olhar e a escuta nos conduziram a diferentes reflexões sobre a sensação do frio na cidade de Pelotas. As criações estão intimamente ligadas à relação que cada um tem com o frio e a com a cidade. Isto nos remete mais uma vez à experiência de leitura coletiva de Cauquelin (2007), cujo texto nos revela a existência de paisagens afetivas, interiores, culturais, e o quanto estas influenciam nas nossas leituras da paisagem urbana¹ com a qual cotidianamente nos relacionamos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O grupo fundamentou os procedimentos no método da cartografia, que:

visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. [...] A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que tem em vista descrever, discutir e sobre tudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (KASTRUP, 2009, p. 32).

Utilizando o método cartográfico, cada participante buscou seus instrumentos para criar uma narratividade que revelasse a paisagem fria de Pelotas.

Primeiramente, foi proposto que cada um partisse para a experiência com a cidade a partir de motivações pessoais e/ou poéticas, condizentes com as produções artísticas desenvolvidas até então. Isto porque, na pesquisa em poéticas visuais:

o artista pesquisador [...] orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho [...] assim como a partir das questões teóricas e poéticas suscitadas pela sua prática. (REY, 1996, p. 82).

Cada participante observou e apresentou a experiência com o frio a cada encontro de pesquisa, suscitando discussões e reflexões sobre a temática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

¹ Por paisagem urbana, utilizamos a concepção de Gordon Cullen (1984), na qual o autor analisa a cidade a partir do seu impacto visual: de suas múltiplas cores, formas e texturas que promovem a geração de sensações.

As proposições e os relatos do grupo revelaram que a experiência do frio está associada ao imaginário pessoal e coletivo, em conformidade com a invenção da paisagem que, segundo Cauquelin, é influenciado pelos ensinamentos maternos e culturais. Cada um dos participantes revelou uma narrativa, utilizando diferentes modos de expressão.

Eduarda Gonçalves fotografou o céu azul pelas frestas de sua janela. Sua produção revela uma percepção comum do frio, uma vez que a casa nos acolhe e nos isola, quando, com o frio, o corpo se encapsula dentro da casa. Danielle Costa da Costa capturou fotos da internet a partir das palavras “frio” e “inverno”, selecionando algumas imagens, criou uma série de montagens que descreve sua experiência com o frio, motivada por lembranças de infância dos pampas do Chasqueiro, em contraponto com seu cotidiano na cidade de Pelotas. Beatriz Rodrigues cartografou o frio por meio da fotografia da paisagem do mar de horizonte sem fim, o Cassino, em Rio Grande. A praia, que todos os anos acolhe veranistas, foi fotografada num ensaio visual denominado “Invernar”. Também foi produzida uma narrativa sobre a experiência de deslocamento na zona do porto de Pelotas, observando a incidência de casas em ruínas da paisagem urbana, bem como, alguns aspectos do cotidiano da região. Carla Borin caminhou pela cidade registrando os sinais, os rastros, que o tempo inseriu na paisagem urbana, presentificando a força da natureza, desvelando uma paisagem única. Os desenhos feitos pelo tempo nos troncos das árvores mapeiam a passagem do tempo e concedem à paisagem uma autonomia, uma identidade própria do frio. Carla Thiel, por sua vez, traz lembranças da infância onde a chuva associada ao frio lhe proporcionava uma introspecção para a subjetividade, aflorando a criatividade e o imaginário. Ela registra a cidade molhada, resgatando e reconstruindo a sensação do frio. Raquel Ferreira criou uma narrativa textual, tendo como dispositivo de criação uma atividade cotidiana trivial como ir ao mercado, fazer compras em um dia de chuva e frio. Nela, o percurso desse trajeto se desdobra em uma construção poética que entrecruza os fluxos aquosos da cidade com os fluídos corporais.

As proposições e relatos revelam que a experiência com o frio está associada a um imaginário em constante mutação que é amparada na experiência pessoal (mesmo que esta esteja atravessada pela cultura, pela ambivalência e relações afetivas coletivas), cada uma revelou pontos de vista distinto. Isto nos possibilita pensar, apoiando-nos na perspectiva de Michel de Certeau (2011) que as narrativas a serem apresentadas são também, práticas de espaço, uma reinvenção da cidade. Segundo o autor:

Todo o relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (“dobre à direita”, “siga à esquerda”), esboço de um relato cuja sequência é escrita pelos passos, até ao “noticiário” de cada dia (“Adivinhe quem eu encontrei na padaria?”) ao “jornal” televisionado (“Teherã: Khomeiny sempre mais isolado...”) aos contos lendários (Gatas Borracheiras nas choupanas) e às histórias contadas (lembranças e romances de países estrangeiros ou de passados mais ou menos remotos). Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem antes ou enquanto os pés a executam. (CERTEAU, 1994, p. 183)

4. CONCLUSÕES

A pesquisa em andamento nos possibilitou vislumbrar o espaço da cidade como um campo de investigações poéticas, estéticas e políticas. Igualmente, podemos considerar a *Estética do Frio* de Vitor Ramil, como um desencadeador de reflexões e experiências poéticas. Por meio de diálogos compartilhados, a produção imagética e os textos recriam a paisagem e o imaginário climático. A atenção ao que nos afeta cotidianamente foi cartografada de múltiplas formas pelos artistas do grupo. Tendo em vista a instauração de um processo de produção artística, constatamos que as discussões que versam sobre o frio e a paisagem sulina questionam e ampliam as nossas crenças, o nosso imaginário coletivo, a imagem estereotipada e construída culturalmente. Nesse sentido colocamos para conversar as nossas múltiplas influências e referências, e isto nos levou a repensar coletivamente a estética do frio, promovendo um “estado de suspensão das certezas”, como em Cauquelin (2007, p.27), que nos faz pensar e agir singularmente, reinventando infinitamente o frio, a cidade e a paisagem. Outrossim, as fotografias, os textos nos forneceram materiais e conceitos que serão apresentados em uma exposição coletiva, que está sendo planejada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 2011.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- KASTRUP, Virginia. O Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: ESCOSSIA, Liliana da, KASTRUP, Virginia, PASSOS, Eduardo (org.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RAMIL, Vitor. A estética do frio. In: FISCHER, Luis Augusto, GONZAGA, Sergius (org). **Nós os Gaúchos**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.
- REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. In: **Porto Arte v. 7**. nº.13, Porto Alegre: Instituto de Artes/ UFRGS, 1996.